

Na ONU, Trump fala em acordo com o Irã

Anfitrião, presidente dos Estados Unidos discursou logo após abertura do Brasil e falou em defesa do território latino

/ RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, usou sua fala na Assembleia-Geral das Nações Unidas ontem para ameaçar o uso de força militar nas Américas, ressaltar a importância da guerra do Irã e criticar a ONU.

Se no ano passado, ele falou da vontade de vencer um prêmio Nobel e se gabou de, supostamente, encerrar guerras, Trump usou o plenário para aumentar pressões na América Latina. Afirmou que os cartéis são como o “Isis do Hemisfério Ocidental” – comparação com o grupo terrorista Estado Islâmico que já vinha sendo feita pelo governo americano. “Eles são inimigos em guerra com a civilização, usando assassinato, estupro, tortura e extorsão como instrumentos de terror”, disse.

“Os EUA não permitirão mais que ameaças ao país ganhem espaço em qualquer parte do Hemisfério Ocidental. E, se necessário, usaremos nosso poderio militar incomparável para proteger os interesses nacionais vitais do país”.

Trump dobrou a aposta ao dizer que a Venezuela também tinha um aparato militar de ponta, mas nada disso deteve os EUA. Também falou que como o objetivo de encerrar o tráfico de drogas na região designou os cartéis como terroristas – em nenhum momento

ele citou o Brasil ou o presidente Lula, mas o governo Trump, em maio, designou duas facções brasileiras PCC (Primeiro Comando da Capital) e CV (Comando Vermelho) como terroristas.

O norte-americano foi o segundo chefe de Estado a falar no primeiro dia do debate geral, logo após Lula, seguindo a tradição segundo a qual o Brasil abre os discursos e os EUA, país anfitrião, vêm na sequência. A fala ocorre a menos de dois meses de Trump ter seu governo testado pelas eleições de meio de mandato com uma guerra no Irã em curso e taxas de aprovação em baixa.

Em meio ao conflito com o Irã, iniciado no fim de fevereiro deste ano, Trump afirmou que tem uma decisão importante a tomar: firmar um acordo com o país persa ou “aniquilar a República Islâmica e fazer isso rapidamente, sem jamais dar a eles a chance de voltar a matar e destruir pessoas e países”. Porém, acredita que EUA e Teerã vão chegar a um acordo após as eleições de meio de mandato, marcadas para o início de novembro.

Justificou a guerra no Oriente Médio alegando que deu ao Irã todas as chances por um acordo, mas que o país persa não deverá ter uma arma nuclear e, por isso, o conflito foi necessário. Mesmo após ameaçar assassinar uma nação, Trump voltou a afirmar que



Líder americano justificou a guerra no Oriente Médio, alegando que deu todas as chances de acordo ao Irã

foi responsável por solucionar oito conflitos ao redor do mundo – no ano passado, ele fez uma afirmação semelhante.

Sob pressão em Cuba, Trump também disse que o secretário de Estado, Marco Rubio, está tentando chegar a um acordo com a ilha, que vive sob apagões em meio a sanções impostas pelo governo americano. “O regime cubano também passou décadas coordenando ações com radicais de esquerda e redes comunistas aqui nos EUA”.

O discurso acontece um ano

após Trump usar sua primeira participação na Assembleia Geral desde o retorno à Casa Branca para apresentar um amplo balanço de seu governo, atacar a atuação da ONU e defender políticas mais rígidas de imigração, maior produção de combustíveis fósseis e o uso de tarifas comerciais como instrumento da política externa americana.

A passagem de Trump por Nova York também inclui uma série de encontros diplomáticos paralelos à Assembleia. Entre eles está uma reunião com a presiden-

te interina da Venezuela, Delcy Rodríguez, a primeira presencial entre os dois desde que uma operação militar americana capturou Nicolás Maduro, em janeiro, e o levou aos Estados Unidos para responder a acusações na Justiça americana.

A Assembleia deste ano tem como tema “Restaurar a confiança, gerenciar a transformação: uma Organização das Nações Unidas que atenda a todas as pessoas”. Os discursos do debate geral seguem até a próxima segunda-feira.

ONU ‘está falhando em livrar a sociedade do flagelo da guerra’, diz Lula

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva criticou ontem, em discurso na abertura da sessão de debates da Assembleia das Nações Unidas, o conflito no Oriente Médio. Ele afirmou que “famílias em todo o mundo pagam pelo aumento do preço dos combustíveis” e que o “Estreito de Ormuz se transformou em trincheira da guerra, quando deveria ser uma passagem vital para o comércio”.

O presidente também citou as guerras em Gaza e na Ucrânia. Sobre o caso envolvendo israelenses e palestinos, Lula criticou o silenciamento da jurista italiana Francesca Albanese, relatora especial da ONU para os territórios palestinos ocupados, por críticas à guerra em Gaza. Lula afirmou também que todos os países são “reféns do imobilismo de um Conselho de Segurança (CS) que não cumpre seu papel”.

O mandatário brasileiro, que

já discursou diversas vezes na tribuna da ONU ao longo de seus três mandatos, disse que “esse é o momento mais crítico” da entidade e que o sentimento que o move hoje “é de indignação”. O presidente brasileiro disse que o secretário-geral da ONU, Antó-

nio Guterres, “foi testemunha dos crescentes desmandos das superpotências” nos últimos anos.

“Sua credibilidade nunca esteve tão baixa. Sua capacidade de proteger os mais frágeis nunca foi tão pequena. Somos todos reféns do imobilismo de um Conselho de



Lula voltou a criticar a inoperância do Conselho de Segurança da ONU

Segurança que não cumpre seu papel”, afirmou o presidente.

O presidente do Brasil disse que a ONU “está falhando em livrar a sociedade do flagelo da guerra” e que o poder de veto dado aos membros permanentes do Conselho de Segurança “concede às superpotências o privilégio da insensatez”.

“Os que detêm as rédeas das decisões cruciais devem atuar com responsabilidade e sentido de urgência”, afirmou. “As concessões à lei do mais forte já passaram dos limites. Isso não é idealismo. É o mais puro realismo. A guerra não é a continuação da política por outros meios, é a falência total da política”, completou.

Lula alfinetou o governo Trump afirmando que o País vai ter um recorde de exportações apesar das tarifas de 25% e 12,5% aplicadas pelos EUA. “O Brasil voltou a crescer de modo susten-

tado. Somos o terceiro maior destino de investimento estrangeiro direto. Apesar do tarifaço contra nossa economia, este ano bateremos novo recorde de exportações”, disse o presidente do Brasil na tribuna da sede da ONU, em Nova York.

Direcionado ao público feminino, Lula disse que o combate ao feminicídio precisa ser abraçado por outras autoridades globais e que, no Brasil, mulheres estão ocupando espaços de poder.

Ao propagandear suas ações como presidente, Lula declarou que transformações globais nasceram a partir da capacidade de líderes negarem a existência de desigualdades. direcionado ao público feminino, Lula disse que o combate ao feminicídio precisa ser abraçado por outras autoridades globais e que, no Brasil, mulheres estão ocupando espaços de poder.